

DF-eleição

Sinpro preocupa Cristovam

Governador reconhece que sem apoio de sindicatos é capaz até de não disputar as eleições de outubro

Candidato entrega as chaves da cidade ao Rei Momo e confessa que não troca o frevo pelo samba

JOÃO BORGES

Candidato à reeleição, o governador Cristovam Buarque fez ontem uma confissão surpreendente: preferiria ser candidato à presidência da República e perder, do que concorrer mais uma vez ao Buriti e ganhar as eleições. Falta de apetite para governar Brasília por mais quatro anos? Não. Mas Cristovam confessa que, do ponto de vista "intelectual e político" a disputa presidencial seria um desafio mais estimulante.

Cristovam diz também que jamais teve a ilusão de que poderia ser o candidato do PT à presidência. Luis Inácio Lula da Silva, segundo ele, chegou a sugerir seu nome. Mas ele, Cristovam, teria argumentado que apenas Lula teria condições de mudar o discurso do partido durante a campanha, sem chocar a militância do partido. Um discurso com "uma cara nova", na análise de Cristovam Buarque, não teria chances obter a adesão dos militantes. Só Lula teria condições de ser portador de um novo discurso, uma nova bandeira para o partido. Um discurso, segundo ele, deve deixar de lado a questão econômica para centrar-se na solução dos problemas sociais.

Cristovam recebeu um grupo de jornalistas para um almoço na confortável residência de Águas Claras. Ele, que

nasceu num domingo de carnaval, acabara de entregar as chaves da cidade a rei Momo, na festa de lançamento do carnaval 98. Estava alegre e ainda trazia confetes no cabelo. Disse que gosta de carnaval, mas brincou apenas uma vez. Preferiu falar de outra folia: "as eleições deste ano vão ser uma bela festa".

Na campanha, ele acha que seus adversários vão explorar dois pontos: o desemprego e a violência. O desemprego é menor do que mostram as estatísticas e não reflete a realidade social de Brasília. A bolsa escola, segundo ele, é uma espécie de emprego, que garante renda à família. Mas quem a recebe, aparece nas estatísticas como desempregados. Quanto à violência, ele diz que "vai mostrar o que o governo está fazendo".

O discurso de campanha será, mais uma vez, centrado na educação. Educação que é motivo de orgulho e dor de cabeça também. O governador diz que a telematricula foi um sucesso, que investiu tudo que podia na melhoria das escolas, pensou até em importar professores de Cuba para suprir a carência nas áreas de Física, Química e Matemática e aumentou o salário dos professores que hoje ganham, em média, R\$ 1.600,00.

A dor de cabeça fica por conta da conflituosa relação com o sindicato dos professores.

Muitas lideranças estão dizendo que querem Cristovam por mais quatro anos no Buriti. E o governador diz que errou ao dar o aumento para os professores logo no início do mandato. Gastou o que não tinha na esperança que a volta da inflação, que acabou não acontecendo, provocasse a chamada perda salarial, um bordão dos sindicatos

ligados ao PT nos protestos contra o governo federal.

Na quinta-feira à noite, em Taguatinga, o governador participou do primeiro debate com a militância petista para definir, entre ele e o senador Lauro Campos, quem será o candidato do partido. Foi questionado pelos sindicatos que nas eleições passa-

das contribuíram para a vitória. E sem o apoio desses sindicatos, Cristovam diz que talvez nem será candidato. Mas será que o poderoso sindicato dos professores vai mesmo negar apoio na hora decisiva? Cristovam mesmo responde: "não sei, quando vou às escolas recebo muitos beijos das professoras".



Arte: Lano/Alex